

A contemporaneidade através de um olhar multicultural

Claudio de Paiva Franco
PG-UFRJ

*O mundo é descontrolado; é puro movimento, não podendo ser fixado
(Fabrício & Moita Lopes, 2004: 13).*

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo articular as visões de discurso, identidade e cultura que contemplam o desenvolvimento de uma epistemologia multicultural, o que implica rever crenças e pensar o novo mundo das diferenças. Este estudo é escrito a partir de uma posição que se alinha ao pressuposto de que o conhecimento não é produzido na mente dos indivíduos, opondo-se à visão internalista do construtivismo de Piaget. O conhecimento é, segundo uma perspectiva externalista, resultado de processos intersubjetivos de produção de significado indissociáveis de práticas sociais coletivas (cf. Foucault, 1979; Spink, 1997). Sob esta perspectiva é que as noções de discurso, identidade e cultura articuladas aqui reiteram as bases epistemológicas do multiculturalismo.

Palavras-chave: multiculturalismo, discurso, identidade, cultura

Contemporary society through a multicultural perspective

Abstract: This work aims at articulating the visions of discourse, identity and culture that contemplate the development of a multicultural epistemology, which involves reviewing beliefs and thinking the new world of differences. This study is written from a position that aligns with the assumption that knowledge is not produced in the minds of individuals, objecting to the vision of Piaget's constructivism. According to a different perspective, knowledge is the result of intersubjective processes of the production of meaning, which are inseparable from collective social practices (see Foucault, 1979; Spink, 1997). Under this approach is that the concepts of discourse, identity and culture articulated here reiterate the epistemological foundations of multiculturalism.

Keywords: multiculturalism, discourse, identity, culture

1. INTRODUÇÃO

Desestabilizar o pensamento vigente de uma sociedade, o senso comum, questionar a origem das coisas é uma tarefa desafiadora. É dessa forma que o multiculturalismo é apresentado: como algo perturbador que, ao questionar vários aspectos da vida social, pode propiciar novas possibilidades para que indivíduos “aprisionados” em falsas identidades sejam reconhecidos pela sociedade. Utilizo, por conseguinte, um aparato argumentativo no intento de ressaltar a relevância para a contemporaneidade ao privilegiar uma visão multicultural.

Antes de discutir o conceito de multiculturalismo e a contribuição de alguns teóricos na defesa de minorias, é preciso atentar para a etimologia da palavra “minoría” a fim de compreender sua importância para a questão multicultural na contemporaneidade. Em alemão, “minoridade” refere-se àquele que não tem direito à fala. Assim, este termo opõe-se à “maioridade”, quando o indivíduo pode ser escutado e, por conseguinte, exercer a cidadania (*cf.* Sodré, 2001). A noção atual de “minoría” contemplada nesse trabalho implica a luta de certos grupos para alcançar o poder da fala.

O conceito tradicional de minoría limita-se a considerar apenas as características étnicas, religiosas ou lingüísticas de um determinado grupo para firmar-se como grupo minoritário. Dessa forma, Semprini (1999), além de criticar esse conceito limitador de minorias, resalta o papel da cultura e da realidade de cada sociedade, criando várias possibilidades para esses grupos, cujos direitos são reduzidos ou refutados, exercerem suas identidades.

2. A EPISTEMOLOGIA MULTICULTURAL

O multiculturalismo não é um fenômeno recente e está diretamente ligado à globalização. A mundialização de culturas¹ contribui de forma dinâmica para fragilizar a noção estática de cultura. Deste modo, a globalização e a mundialização de culturas apresentam uma série de desafios para a sociedade civil no contexto contemporâneo do tratamento das diferenças e reconhecimento das especificidades dela (cf. Kymlicka, 1995; Semprini, 1999).

Charles Taylor concebe que o multiculturalismo² traz à tona a relação entre identidade e reconhecimento, uma vez que é por meio do reconhecimento que os indivíduos formam a própria identidade. Segundo Taylor (1994: 25), o sujeito não reconhecido ou reconhecido de forma inadequada pode ser aprisionado “em um modo de ser falso, distorcido e limitado”. Sobretudo, o “devido reconhecimento não é meramente uma cortesia, mas uma necessidade humana vital”. Para o autor, a importância do reconhecimento tem sido intensificada pelo novo entendimento de identidade, compreendida como “individualizada” e que surge no final do século XVIII. A identidade de alguém depende essencialmente do caráter dialógico, característica da condição humana, estabelecido através de negociações com um “outro significativo” (cf. Taylor, 1994).

Taylor (1994) defende que o multiculturalismo teria o papel de “libertar” os indivíduos de um reconhecimento equivocado. O reconhecimento da pluralidade cultural permite, então, que as minorias, aprisionadas em um modo de ser distorcido, sejam aquilo que são, completamente, sem que suas identidades sejam ameaçadas. Ainda, segundo o filósofo, as principais lutas em favor de reconhecimento estão pautadas em critérios culturais, o que desnaturaliza o princípio fundamental da democracia liberal.

Assim como Taylor, o teórico Andrea Semprini (1999) sublinha a importância do reconhecimento a fim de ajudar a cultivar a auto-estima em membros de certas minorias. Este ainda sugere a adoção de material didático diversificado e critérios de avaliação específicos como possibilidades de integração social.

¹ Adoto, aqui, o termo cultura no plural para fazer referência à multiplicidade de culturas no contexto da globalização.

² Taylor refere-se à ação política do multiculturalismo pelo termo “política de reconhecimento” (*politics of recognition*).

Para Semprini, o multiculturalismo é uma reação ao positivismo e aos paradigmas dualista e realista. Nas últimas décadas, despertou-se um interesse maior pelos valores sociais e a recusa de “qualquer possibilidade de conhecimento unificado e objetivado do mundo”. Adotar um posicionamento multicultural aflige nossas escolhas comportamentais e implica aceitar a heterogeneidade que forma nosso mosaico cultural (*cf.* Semprini, 1999).

Um dos princípios norteadores da vertente multicultural considera a realidade como uma construção. Sob essa perspectiva construtivista, identidades de grupos minoritários ou subalternos aparecem como resultado de uma evolução sócio-histórica, e não biológica. Isto se deve ao fato de as identidades refletirem escolhas políticas e interações contínuas com as outras “entidades do espaço social” (*cf.* Hall, 1998; Semprini, 1999).

Outro pressuposto multicultural, segundo Semprini, evidencia que as interpretações são essencialmente intersubjetivas, sociais e públicas. A “epistemologia cultural” está apoiada nas recentes teorias da linguagem, apontando para a importância da construção do significado nas narrativas e também que a “interpretação é essencialmente um ato individual”. Além disso, o multiculturalismo dimensiona o conhecimento como um fato político. O conhecimento é posicionado; não há conhecimento neutro ou objetivo, pois ele reflete crenças e visões de mundo (*cf.* Semprini, 1999).

3. O MULTICULTURALISMO PARA KYMLICKA

Um dos maiores teóricos do multiculturalismo contemporâneo é o canadense e comunitarista liberal Will Kymlicka. O estudioso (1995) destaca a necessidade de um modelo jurídico diferenciado para minorias através de uma Teoria do Multiculturalismo. Essa teoria é dirigida às culturas minoritárias entendidas como nações³. Kymlicka diferencia cinco tipos de minorias: minorias nacionais (“national minorities”), grupos imigrantes, grupos etno-religiosos isolacionistas, “metecos” e afro-americanos.

Kymlicka está convencido de que o multiculturalismo rompe com as fronteiras culturais, possibilitando que os diferentes grupos de imigrantes se

³ Apesar de o autor ter feito esse recorte, ele reconhece a importância de outras minorias, como os homossexuais, idosos, mulheres etc.

interinfluenciem. Dessa forma, os imigrantes aprendem a língua e a história do seu novo país, e este adapta as suas instituições, acomodando as práticas e identidades desses cidadãos (cf. Kymlicka, 1995).

Em *Multicultural Citizenship*, Kymlicka faz vários comentários referentes ao significado e importância da cultura para os indivíduos, mas discute, em particular, o conceito de cultura societal e o conjunto de práticas sociais e instituições que estão associadas a essa cultura. Segundo Kymlicka (1995), a cultura societal oferece aos seus membros “estilos significativos de vida e abrange todo o conjunto de atividades humanas”. Garantir a existência de culturas societais é, portanto, uma forma de propiciar a cada indivíduo um conjunto de opções significativas. Ainda, o respeito pelos direitos das minorias é um dos critérios de adesão que os países candidatos devem satisfazer para entrar na União Européia (UE) e NATO (cf. Kymlicka, 2002).

Após ter analisado a epistemologia multicultural, farei um esboço do cenário contemporâneo de modo a compreender melhor o multiculturalismo. Com este objetivo, a epígrafe acima já nos convida a repensar a atualidade como um processo que invoca instabilidade.

4. O PANORAMA CONTEMPORÂNEO

As mudanças no cenário atual, sejam elas de ordem política, econômica, cultural ou social, aceleradas pelo avanço tecnológico, principalmente a Internet, caracterizam a contemporaneidade. Apesar de vários sociólogos lançarem um olhar nostálgico, crítico em relação ao mundo marcado por essas mudanças, pela volatilidade, autores como Bauman, por exemplo, concebem as rupturas presentes em nosso panorama atual como uma forma de projetar olhares e sentidos diversificados, co-construindo nossas práticas e discursos diariamente.

O autor (Bauman, 2000) utiliza a metáfora da “liquidez” para caracterizar a modernidade, pois o mundo está sempre em movimento. A contemporaneidade líquido-moderna não mais aceita modos de vida estáveis, as relações são voláteis, o poder não é mais centralizado e tudo perde consistência. Sob este ângulo de perceber a modernidade, parece mais

confortante nos posicionarmos de forma a entender a mobilidade como possibilidade de constante reconstrução no mundo social. Portanto, este “descontrole”, que costuma nos desconcertar, promove a redefinição e recriação de nossa própria história, a libertação de sólidos, rotinas imutáveis e verdades tradicionalmente inquestionáveis (cf. Hall, 1998; Fabrício & Moita Lopes, 2004; Bauman, 2005; Fabrício, 2006).

Apesar de não haver hegemonia quanto à nomenclatura para o atual momento sócio-histórico, é compartilhada a idéia de que a globalização tem um papel muito específico na contemporaneidade. Esse processo de mudança conhecido como globalização e acelerado pelo avanço dos meios de informação e comunicação é responsável por novas formas de interação como, por exemplo, a interação on-line.

Com base no impacto da globalização na pós-modernidade, é fácil conectar a concepção de contemporaneidade até aqui reportada com a vertente multicultural. Caracterizada como sendo um processo sem-fim de rupturas, a globalização desestabiliza as idéias tradicionais de identidade, discurso e cultura a serem discutidas adiante.

5. A NOÇÃO DE IDENTIDADE

Através da reflexão propiciada de como percebemos a atualidade e o quanto a diversidade lhe é inerente, retomo meu objetivo inicial e trato, assim, da questão da identidade⁴.

A construção de identidades no discurso é uma característica marcante da vida social na modernidade recente (cf. Chouliaraki & Fairclough, 1999). Segundo Hall (1998), as mudanças associadas à contemporaneidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. É

⁴ A concepção de identidade adotada aqui é formada no diálogo contínuo entre o “eu” e a sociedade.

interessante, neste cenário, notar que as velhas identidades, concebidas como unificadas, essenciais e fixas, estão em declínio na modernidade líquida, fazendo surgir identidades em movimento, fragmentadas, deslocadas (cf. Hall, 1998; Bauman, 2005).

Filiar-se ao posicionamento multicultural, por conseguinte, compreende incluir em nossas práticas discursivas uma pluralidade de identidades além daquela do sujeito da modernidade, concebido como essencializado, branco, homem, heterossexual e de classe média (cf. Moita Lopes, 2006). Tadeu da Silva (2000), por sua vez, chama atenção para o fato de que a perspectiva frágil e insuficiente do respeito e tolerância afasta-se da problematização de como identidade e diferença são sócio-construídas.

Neste estudo, a partir de uma perspectiva construtivista e multicultural, argumento em favor de identidades construídas historicamente, e não biologicamente, uma vez que aparecem como o resultado de uma evolução histórica, de escolhas políticas e sobretudo, de interações contínuas com as outras entidades do espaço social (cf. Hall, 1998; Semprini, 1999). Sobretudo, identidades e categorias culturais devem ser compreendidas como uma constante negociação de como nos relacionamos com o mundo, sem fixidez (cf. Pennycook, 2001).

6. A NOÇÃO DE DISCURSO

Pensar a contemporaneidade “don juanesca”, metáfora utilizada por Bauman para se referir à instabilidade do mundo atual, a partir da dimensão multicultural implica, por sua vez, reconhecer a linguagem como um momento da prática social.

Com a virada lingüística do século XX, passou-se a olhar para a linguagem como forma de relacionamento com a sociedade. Isto quer dizer que linguagem e realidade participam de uma trama indissociável, uma vez que a linguagem é entendida, essencialmente, como uma forma de ação no mundo social que produz efeitos e orienta nossas escolhas e nos orienta (cf. Marcondes, 1990; Martins, 2000; Fabrício, 2006).

Fairclough (1992) acredita que o discurso, um momento entre outros da prática social, é construído socialmente, sendo uma forma de ação sobre o mundo e a sociedade. Dessa forma, ao usarmos a linguagem, realizamos performances no mundo social. Para Descartes, no entanto, o que mais vale é o pensamento, que é independente das línguas, extralingüístico. De acordo com essa visão, as idéias são inatas e a linguagem é fonte de erros e equívocos (cf. Araújo, 2004).

Neste mesmo estudo, para argumentar em favor do multiculturalismo, filio-me, portanto, à compreensão de discurso como prática social (cf. Fairclough, 2001[1992]). Tal perspectiva concebe o discurso como elemento socialmente construído, permeado por relações de poder (Foucault, 1979).

Chegamos, desta forma, à visão foucaultiana de poder para a perspectiva em que situo o multiculturalismo na contemporaneidade – a de que poder não está localizado num ponto específico e não possui uma identidade própria, mas é uma multiplicidade de forças, sempre co-sustentado, socialmente produzido nas práticas diárias (cf. Foucault, 1986). Isto significa dizer que a noção clássica de poder centralizado e localizado no Estado, modelo panóptico, é conturbada no multiculturalismo. Desse modo, poder é concebido como algo distribuído através de relações; sem princípio articulador ou organizador único (cf. Hall, 1998; Gee, 2000).

Sob essa ótica, Chouliaraki e Fairclough (1999), em *Discourse in late modernity*, reconhecem a importância social do discurso, não cabendo à linguagem ser isolada das ações, relações sociais etc. Gee (2005), por sua vez, adota o termo “Discurso”, escrito com letra maiúscula, de modo a integrar linguagem e uma pluralidade de sistemas simbólicos nas práticas sociais. Além do discurso, as práticas sociais engendram ações, escolhas, valores, contextos que constituem, dessa forma, um caminho privilegiado para entender a produção de sentidos no cotidiano (cf. Spink, 1997).

Ainda segundo a concepção de discurso, nossas práticas discursivas, segundo Foucault, não são opacas, mas norteadas por crenças, visões de mundo, ideologias, e são atravessadas, imprescindivelmente, por instâncias de poder – como já abordamos anteriormente. Na visão foucaultiana, todo

discurso engendra poder, inaugura verdades e é político porque constrói os atores sociais de forma específica e os posiciona (cf. Foucault, 1986).

As questões levantadas durante este trabalho enfraquecem as idéias tradicionais de linguagem, identidade e discurso e as percebem como uma forma de direcionar o olhar para o diverso na contemporaneidade.

Por fim, esboçarei a noção de cultura, termo polissêmico e complexo. Porém, é preciso advertir que nossa discussão é pautada nas noções de cultura em que a linguagem desempenha um papel particularmente importante no mundo real.

7. A NOÇÃO DE CULTURA

A idéia de cultura como um sistema de práticas e de participação nos ajuda a perceber que falar uma língua significa ser capaz de participar de interações com o mundo real. Por conseguinte, o conhecimento cultural está socialmente distribuído e não reside exclusivamente nas operações mentais de uma pessoa, mas nas práticas materiais do dia-a-dia (cf. Duranti, 1997).

Conforme Geertz (1989), o conceito de cultura é essencialmente semiótico, pois ela é produto da interação humana, é um fenômeno público, intersubjetivo, observável nas práticas discursivas diárias. Afirmar que a cultura não está na mente de alguém significa enfatizar que a cultura está *por aí*, produzida e disponível para a interpretação dos homens. Tais interpretações devem ser realizadas minuciosamente a fim de abarcar a variabilidade da cultura; não podemos, portanto, produzir generalizações, almejar a totalidade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o multiculturalismo seja identificado como um tema político, ele não deveria ser compreendido, exclusivamente, como um embate cultural bélico e ameaçador, mas como possibilidade de reflexão sobre a vida social em que todos nós somos seres significantes e necessitamos de reconhecimento, sobretudo, ético. Adotar um posicionamento multicultural, por conseguinte, implica incluir minorias como, por exemplo, negros, índios, homossexuais,

mulheres, identidades que aparecem como o resultado de uma evolução sócio-histórica, de escolhas políticas e econômicas.

Aceitar o desafio do multiculturalismo nos leva a analisar criticamente nossas práticas sociais. Ao entender as noções de identidade e discurso como performativas, cabe a nós fazermos performances identitárias na sociedade de forma mais ética. Para tal, deveríamos fazer uso de teorias pós-modernas, pós-coloniais, anti-racistas, *queer*, entre outras, para dar conta da identidade fluida do sujeito agora em foco (cf. Moita Lopes, 2006). Como já dizia Wittgenstein, temos que aprender a nos desfazer de nossas visões viciadas e olhar para o novo com mais apuro.

9. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. L. A noção do discurso em Foucault. In *Do signo no discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p.215-244.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DURANTI, A. Theories of culture. In: Duranti, A. *Linguistic anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997, p.23-50.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. *Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas*. Veredas, UFJF, v. 6, n. 2, p. 11-29, 2004.

_____. *Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso*. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GEE, J. New People in New Worlds: Networks, the New Capitalism and Schools, in: Cope, B.; Kalanzis, M. (Orgs.). *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. London: Routledge, 2000.

_____. *An Introduction to Discourse Analysis*. London: Routledge, 2005.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KYMLICKA, Will. "Multiculturalism and minority rights: West and East". *JEMIE*. 4/2002. Disponível em www.ecmi.de/jemie/download/Focus4-2002_Kymlicka.pdf, acesso em 29.06.2008.

_____. *Multicultural Citizenship: a liberal theory of minority rights*. Oxford: Oxford University, 1995.

MARCONDES, D. Apresentação. In Austin, J.L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho, 1990, p. 7-17.

MARTINS, H. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. In: *Veredas, revista de estudos lingüísticos Juiz de Fora*, v.4, n.2, p.9-18. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

MOITA LOPES, L. P. Lingüística aplicada e vida contemporânea. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, A. The politics of difference. In Pennycook, A. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2001.

SEMPRINI, A. O nó górdio epistemológico. In Semprini, A. *Multiculturalismo*. Bauru, S.P.: EDUSC, 1999, p.81-96.

SODRÉ, Muniz. *Conceito de minoria*. Campo Grande, Uniderp, 06 de set.2001. Palestra ministrada aos integrantes do Núcleo de Pesquisa “Comunicação e Cultura das Minorias” durante o XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2001.

SPINK, M. (Org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

TADEU DA SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In Tadeu da Silva, T. (Org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 81-102.

TAYLOR, Charles. The Politics of Recognition. In: GUTMAN, A. (Org.). *Multiculturalism: Examining the Politics of Recognition*. Princeton: Princeton University, 1994.